

**Alexandre Zarate  
Maciel**

Universidade Federal do  
Maranhão  
[https://orcid.org/0000-  
0003-0397-4954](https://orcid.org/0000-0003-0397-4954)

**“A narrativa ideal seria  
ir além de uma grande  
reportagem” : conceitos  
e características do livro-  
-reportagem brasileiro**

**“Ideal narrative would  
be going beyond a big  
report” : concepts and  
Characteristics of the  
Brazilian Report Book**

**“La narrativa ideal iría  
más allá de un gran  
informe” : conceptos y  
características del Libro  
de informes brasileño**

## RESUMO

A intenção deste artigo é estabelecer um resumo do estado da arte da conceitualização do livro-reportagem produzido no Brasil, bem como apresentar e debater as principais características que definem as suas formas peculiares de produção. O texto apresenta os conceitos de pesquisadores que se dedicaram a entender o livro-reportagem brasileiro em suas teses de doutorado, como Lima (2009), Rogê Ferreira (1994), Catalão (2010) e Vilas Boas (2006), aliados aos depoimentos de jornalistas escritores como Fernando Morais, Ruy Castro, Zuenir Ventura e Daniela Arbex, entrevistados por Maciel (2018) a partir do método da entrevista em profundidade. Conclui-se que os jornalistas autores de livros-reportagem trabalham de forma mais autônoma, com rotinas produtivas diferentes das tradicionais em redações e buscam produzir livros que debatem os temas e personagens contemporâneos brasileiros.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Livro-reportagem. Conceitos. Características. Brasil.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to establish a summary of the state of the art of the conceptualization of the report book produced in Brazil, as well as to present and debate the main characteristics that define its peculiar forms of production. The text presents the concepts of researchers who dedicated themselves to understand the Brazilian report book in their doctoral theses, such as Lima (2009), Rogê Ferreira (1994), Catalão (2010) and Vilas Boas (2006), allied to the testimonies of writer journalists such as Fernando Morais, Ruy Castro, Zuenir Ventura and Daniela Arbex, interviewed by Maciel (2018) from the in-depth interview method. It is concluded that journalists who write report books work more autonomously, with different production routines than traditional newsrooms and seek to produce books that debate contemporary Brazilian themes and characters.

**Key words:** Journalism. Report book. Concepts Features. Brasil.

## RESUMEN

El propósito de este artículo es establecer un resumen del estado del arte de la conceptualización del libro de informes producido en Brasil, así como presentar y debatir las características principales que definen sus formas peculiares de producción. El texto presenta los conceptos de investigadores que se dedicaron a comprender el libro de informes brasileño en sus tesis doctorales, como Lima (2009), Rogê Ferreira (1994), Catalão (2010) y Vilas Boas (2006), aliados a los testimonios de escritores periodistas como Fernando Morais, Ruy Castro, Zuenir Ventura y Daniela Arbex, entrevistados por Maciel (2018) desde el método de entrevista en profundidad. Se concluye que los periodistas que escriben reportajes trabajan de manera más autónoma, con diferentes rutinas de producción que las redacciones tradicionales y buscan producir libros que debatan temas y personajes brasileños contemporáneos.

**Palabras clave:** Periodismo. Libro de informes. Conceptos. Características. Brasil.

---

Submissão: 3-9-2019

Decisão editorial: 25-3-2021

## **Introdução**

Mesmo apresentando características peculiares de produção, o livro-reportagem tem sido objeto de raras teses de doutorado ao seu respeito no Brasil. De certa forma mais livre das rotinas produtivas hierárquicas comuns em redações, como linhas editoriais, limites de tempo para apuração e pouco espaço para a abordagem narrativa, o jornalista escritor envolve-se com um trabalho no qual pode escolher angulações diferenciadas de temas não-factuais e lidar com um produto que tem se consolidado no país como uma possibilidade de exercício mais autônomo, aprofundado e contextualizado da profissão.

A intenção deste artigo é o de simular um debate entre os conceitos teóricos de cinco pesquisadores acadêmicos que se dedicaram a estudar o livro-reportagem brasileiro e a reflexão particular sobre as práticas de dez jornalistas escritores que escreveram obras do gênero, explicitadas, no último caso, em forma de depoimentos também colhidos para uma tese de doutorado (MACIEL, 2018). Busca-se, portanto, a definição possível de conceitos gerais e a especificação mais detalhada de suas formas ímpares de elaboração jornalística, bem como as contribuições que o livro-reportagem pode trazer tanto para a prá-

tica profissional quanto para a interpretação da memória brasileira.

O pesquisador pioneiro foi o professor Edvaldo Pereira Lima que defendeu, em 1990, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), a tese de doutorado *O livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade*, transformada, em 1993, no livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Em 2001, pelo mesmo programa de pós-graduação, o professor Carlos Antonio Rogê Ferreira Junior defendeu a tese *Literatura e Jornalismo: discursos e contra-discursos, o romance-reportagem e os livros-reportagem*, que foi adaptada, em 2004, para a obra *Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e contradiscursos*.

Ainda na ECA-USP, em 2006, sob orientação de Edvaldo Pereira Lima, o professor Sergio Vilas Boas apresentou a tese *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico*, depois adaptada para o livro *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*, em 2008. Em 2010, Catalão Jr. defendeu, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara, a tese *Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo*, ainda não adaptada para o mercado editorial. Já em 2018, o autor deste artigo defendeu a sua tese com o título e programa a serem inseridos neste texto na versão definitiva, não-cega.

As vozes dos dez jornalistas escritores de livros-reportagem que são convocadas para o debate neste artigo são depoimentos inéditos concedidos a Maciel (2018), em sua maioria não registrados na tese original. Apresentam as suas visões sobre o produto e as suas

formas de elaboração, os seguintes jornalistas, com algumas de suas obras aqui elencadas: Fernando Morais (*Olga, Chatô, Corações Sujos*); Ruy Castro (biógrafo de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmem Miranda); Zuenir Ventura (*1968: o ano que não terminou*); Caco Barcellos (*Rota 66 e Abusado*); Lira Neto (biógrafo de Getúlio Vargas, Maysa e José de Alencar); Laurentino Gomes (*1808, 1822 e 1899*); Daniela Arbex (*Holocausto brasileiro*); Adriana Carranca (*Malala-a menina que queria ir para a escola*); Leonencio Nossa (autor de *Mata!*, sobre a Guerrilha do Araguaia); e Rubens Valente (*Os fuzis e as flechas, a respeito dos indígenas durante a ditadura militar brasileira*).

Os depoimentos orais foram colhidos a partir do método da entrevista qualitativa em profundidade. Gaskell (2013, p. 64) frisa que "o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos". A entrevista em profundidade serviu de base para apurar com esses profissionais tanto em Maciel (2018), quanto nos trechos inéditos reproduzidos neste artigo, de que forma o tempo mais dilatado para a produção, o trabalho mais solitário, longe das hierarquias das redações, e o fato de lidar com uma massa incalculável de informação documental e oral, entre outros fatores, marcam o resultado final do produto livro-reportagem.

Tanto o ensaio de estado da arte da pesquisa acadêmica sobre livro-reportagem em termos de teses de doutorado quanto o acréscimo das experiências relatadas pelos próprios profissionais que lidaram com o produto, em Maciel (2018) e neste artigo, comprovam a hipótese central de que os jornalistas escritores se identificam, como sugerem seus discurs-

sos, com certos modelos específicos de jornalismo. Mais autônomos e menos presos a hierarquias. Pouco ligados à efemeridade do factual. Atentos ao contemporâneo, ou seja, aos acontecimentos já ocorridos que reverberam na atualidade. Preocupados com o debate da memória nacional, ao focar, em suas obras, temas conjunturais de forma extensiva.

### **“O jornalismo depende cada vez mais de textos profundos”**

Para chegar a uma definição de livro-reportagem, Lima (2009, p. 26) primeiramente compreende a “reportagem como ampliação da notícia”, resultado de um processo de horizontalização e verticalização. No primeiro caso, está se referindo à “abordagem extensiva em termos de detalhes”. E verticalizar o relato, por conseguinte, seria aprofundar a questão central, “em busca de raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis”. Partindo dessas premissas, chega à seguinte caracterização do livro-reportagem:

[...] o livro-reportagem é o veículo de comunicação impresso não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (LIMA, 2009, p. 26).

Para complementar essa definição, Lima (2009, pp. 28-29) frisa o que ele chama de “condições essenciais que diferenciam o livro-reportagem”. Em primeiro lugar, é uma obra que corresponde ao real e factual. Assim, a “linguagem, montagem e edição

do texto" seguem critérios jornalísticos, preservando as características desta prática profissional, pois mantém como objetivos "informar, orientar e explicar". O livro-reportagem também mantém a universalidade e a difusão coletiva, mas definitivamente não é um produto periódico e o seu caráter de atualidade deve ser compreendido, na concepção do autor, mais no sentido de abordagem do contemporâneo ao invés do real imediato.

Desde o subtítulo do seu livro, *O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Lima (2009, p. 244) defende, com argumentos aprofundados, uma das suas principais hipóteses: "O livro-reportagem atingiu respeitável nível de expressão ao transplantar para seu campo específico, com sucesso, técnicas da literatura". O autor sustenta que alguns livros-reportagem que ambicionam atingir um "nível superior de complexidade temática e estilística", assemelham-se à força do romance na literatura. "Ambos visam ao conhecimento da realidade humana, são antropocêntricos. Ambos devem construir uma fórmula estética que torne ao leitor aprazível a leitura. Ambos podem romper estruturas estabelecidas ou conformar-se com elas" (LIMA, 2009, p. 269).

Percebeu-se, entretanto, na pesquisa de Maciel (2018), certa resistência entre alguns jornalistas escritores entrevistados, como Lira Neto (informação verbal)<sup>1</sup> e Leonencio Nossa (informação verbal)<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> NETO, Lira. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado [17/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h52min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

<sup>2</sup> NOSSA, Leonencio. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: apartamento do entrevistado [05 e 08/05/2016]. 1 arquivo .mp3 (4h30min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

com a classificação jornalismo literário. Ao serem consultados a respeito, procuraram explicitar como definem o seu modo de trabalhar a narrativa nos livros-reportagem. Nossa acredita que uma compreensão do termo literário, mais aproximada do “floreio” estilístico, não se encaixaria, por exemplo, no caso do autor de *Vidas Secas* e *São Bernardo*, o escritor alagoano Graciliano Ramos: “Ele não é literário. Ele escolhe as palavras, não é? As palavras exatas”. Em tom de brincadeira, alegou que certos profissionais de redação gostam de invocar a condição de “jornalistas literários” para, diante dos seus chefes, “ter tempo para publicar. Daí você pensa: beleza, não precisa de apuração não, porque ele não apura bem, mas sabe escreveerr”.

Já Lira Neto descreveu que, à medida que foi elaborando novos livros-reportagem, foi buscando aperfeiçoar “um percurso de *desliteraturização*, de tirar qualquer resquício de literatura do texto jornalístico”. O escritor detalha que busca reescrever bastante cada parágrafo das suas obras “sempre na tentativa de tirar qualquer tentação retórica. Tirar o que a gente confunde: o acessório com o literário. Tornar o texto mais cru, objetivo, mais seco, mais substantivo e menos adjetivado”. Lira Neto faz questão de frisar que sua experiência com livros-reportagem envolve a prática do jornalismo, e não do jornalismo literário, que pode resvalar, em sua opinião, em “literatice”.

Ao mesmo tempo em que rejeitam enquadrar o seu trabalho na definição de jornalismo literário, Lira Neto e Leonencio Nossa sentiram necessidade, nas entrevistas concedidas a Maciel (2018), de apresentarem uma definição sobre as suas respectivas práticas jornalísticas que resultam em livros. Leonencio Nossa fala de profundidade e contextualização:

O jornalismo depende cada vez mais de textos muito profundos e que sejam feitos com um tempo maior. Porque o jornalismo é negócio, é comércio, você fazer uma reportagem, um livro, está fazendo um produto. [...] A narrativa ideal seria ir além de uma grande reportagem, por exemplo. O que é grande reportagem? Às vezes é um grande depoimento de duas, três pessoas. E hoje, para atender um público que quer informação, que quer entender um pouco a complexidade, tem que fazer muito mais que uma grande reportagem, é uma mega reportagem. Mesmo no tamanho, eu falo na sua essência, você tem que buscar dezenas de vozes, uma polifonia mesmo. Você tem que buscar muita gente para falar, então isso não é grande reportagem. Se você pegar o que se tornou grande reportagem no Brasil são depoimentos de umas quatro, no máximo, cinco pessoas ali. Você não tem esse trabalho de documentação intenso como nós temos hoje, de busca disso, daquilo. Então, hoje, o ideal, a narrativa ideal que a gente tem que buscar, até como paradigma, é uma mega reportagem, uma reportagem que abarque o máximo de visões. Porque quanto mais visões você apresentar, menos risco você corre, sempre. (NOSSA, 2016, informação verbal).

Também na tentativa de definir o seu processo de elaboração de livros-reportagem, Lira Neto estabeleceu uma comparação do seu estilo narrativo com os preceitos recomendados pelo escritor Ítalo Calvino na obra *Seis propostas para o próximo milênio*:

Então, por exemplo, ele fala de duas características que aparentemente são antagônicas. Que é a leveza e a consistência, não é? E ele mostra como não são antagônicas, muito pelo contrário, elas necessitam de estar próximas, estar juntas. Então você tem que ser denso ao mesmo tempo que tem de ser leve. E você tem que ser leve ao mesmo tempo...sem deixar de ser denso. [...] Uma coisa que eu busco de forma muito

obsessiva. E outras características também. Sempre na perspectiva da narrativa, da visibilidade, ou seja, de procurar levar o leitor para dentro da cena a partir de uma pesquisa iconográfica, de situações, de cenários, levar o leitor para dentro da cena a partir de certas sugestões visuais no texto. Outra coisa é o que o Italo Calvino chama de velocidade e que talvez a gente pudesse chamar de ritmo, ou seja, dar à narrativa um ritmo interno, não é? Então isso você faz, no meu caso, se você olhar os capítulos de todos os meus livros, todos eles têm mais ou menos o mesmo número de páginas, todos eles têm uma certa lógica interna, todos eles começam com uma cena visual. Aí tem a precisão, que é a busca da palavra exata, não é? Isto é obsessivo e eu recorro a dicionários de época, dicionários históricos, a dicionários de ideias afins, para encontrar aquela palavra que quando você troca uma pela outra ilumina o texto. E por fim a última característica das seis propostas que é a multiplicidade. Exatamente aquilo que a gente estava falando, da necessidade de que você dê vários pontos de vista para a mesma história. Que você busque várias vezes, múltiplas a partir do mesmo objeto. Então Ítalo Calvino sabia de tudo. (LIRA NETO, 2016, informação oral)

O que se percebe no discurso destes entrevistados é o temor de serem enquadrados em determinadas definições pré-estabelecidas e até banalizadas. Talvez por esse motivo os escritores preferam os termos jornalismo “de fôlego” e “bem-apurado”, aos mais genéricos, como “literário” e “investigativo”. Ou seja, a diferença não estaria no resultado do texto, e sim no processo de apuração multiangular, no tempo disponível para ponderar o volume imenso de descobertas, no espaço maior do livro – condições que podem permitir uma descrição mais fiel dos ambientes e personagens. Não se trata de semear o texto

com floreios, adjetivá-lo, mas de conferir consistência interpretativa na narrativa final.

### **"É um sonho de todo jornalista não ter editor fungando em seu cangote"**

Amparado em Bakhtin, Catalão (2010, p. 120) prefere considerar o livro-reportagem como um gênero do discurso com um enunciado "relativamente estável", enquadrado no campo de comunicação discursiva jornalística, apresentando como "enunciados típicos" os fatos de que são "produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados e difundidos em livro" Assim, o "seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado". O pesquisador acrescenta, ainda, que o "enunciado típico" do gênero nasce das "ideias, indagações, descobertas, interesses e valores de um autor específico, de uma intencionalidade individual" (CATALÃO, 2009, p. 128) toda voltada para a criação de uma "situação particular de comunicação", a ser veiculada no formato do livro-reportagem.

Assim, na concepção de Catalão o jornalista escritor está ocupando uma "posição dialógica diferenciada", já que, sem precisar engajar-se "nos processos típicos das organizações de imprensa", como, por exemplo, a "normatização dos procedimentos de estilo" ou o "cultivo da impessoalidade", pode ambicionar "relacionar-se diretamente com o leitor". Mas esse não é um território de liberdades comerciais irrestritas, pois, na ótica do pesquisador, "ausente a subordinação funcional e econômica, é necessário ser bem-sucedido comercialmente para ter o próprio trabalho remunerado", o que envolve

um esforço do jornalista para escolher assuntos de interesse do público e, além disso, “compor textos acessíveis, facilmente inteligíveis e potencialmente atraentes para o maior número de leitores possível” (CATALÃO, 2009, p. 129).

Debruçando-se sobre os 18 livros-reportagem mais vendidos no Brasil no período de 1966 a 2004, Catalão traça as principais características comuns às obras do gênero que obtiveram um sucesso considerável, como, por exemplo, *Olga*, de Fernando Morais, *A viagem do descobrimento*, de Eduardo Bueno e *1968: o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura, que encabeçam a lista. A primeira delas é a narração, pois, como percebeu Catalão (2006, p. 233), “prevalece a narração linear de uma sucessão de eventos, articulados conforme a suposta ordem cronológica de suas ocorrências”. Outra característica é a da familiaridade com o leitor, que leva o repórter a orientar a “sua enunciação para uma relação de proximidade pessoal”, tendo em vista o “caráter massivo do público a que se dirige”. (CATALÃO, 2006, p. 234).

Na mesma linha de raciocínio, contribui para a familiaridade com o leitor outra característica típica, o didatismo, resumida desta forma por Catalão (2006, p. 138): “Os jornalistas estudados em vez de se limitar à caracterização apenas por meio das ações e palavras que atribuem a tais personagens, preferem sempre oferecer explicações complementares a seu respeito, especificando quem é cada uma e qual seu papel no enredo”. Já nos livros de interpretação jornalística da história, segundo Catalão (2010, p. 138), os relatos explicativos didáticos ajudam a “compor o cenário que serve de fundo aos acontecimentos e às circunstâncias apresentados, além de uma caracterização de ambientes e contextos”.

A característica que Catalão (2010, p. 235) chama de onisciência diz respeito a uma tendência encontrada entre os jornalistas escritores de livros-reportagem no Brasil, do "repórter que, ao contar uma história ou defender uma tese, aparenta saber tudo sobre o assunto que aborda". Devido à grande quantidade de entrevistados e à consulta intensiva a uma massa documental por vezes incalculável, o produto final costuma aparentar uma pretensão de verdade, como pondera o pesquisador: "Raramente se encontram dúvidas, indefinições ou inquietações do autor, seja quanto aos acontecimentos relatados, às teses defendidas ou às informações que as sustentam e ao processo por meio do qual elas foram obtidas".

Quanto à característica de excepcionalidade, Catalão (2010, p. 146) percebe que em todas as biografias analisadas no seu corpus os personagens centrais são "excepcionais, seja por suas qualidades pessoais ou por suas histórias". O autor pondera que o traço da excepcionalidade também marca o jornalismo de massa, e que, no caso do livro-reportagem, é justamente um dos seus principais atributos para o sucesso comercial da obra, "na medida em que dá ênfase à suposta importância e à singularidade do acontecimento, personagem ou tese de que o livro-reportagem trata e aumenta seu apelo junto ao leitor-consumidor".

O fato dos personagens serem centrais para qualquer livro-reportagem, ainda chamou atenção de Catalão (2010, p. 146), que percebeu a característica da personificação não apenas nas biografias, mas também nas reportagens históricas, nos quais é possível perceber "uma visão personificada da história (em maior ou menor grau, conforme o caso),

apresentada como uma espécie de palco em cujo centro estão sempre as personagens que supostamente a 'fazem'". Por fim, todas essas características se articulam, ainda, à oitava e última, a de que o livro-reportagem oferece ao leitor "uma experiência de contemporaneidade em relação ao assunto, à trama e às pessoas de que o repórter fala, mediante o contato 'direto', 'imediato', 'envolvente' que o discurso proporciona" (CATALÃO, 2010, p. 156).

Na tese de Maciel (2018) uma das chaves para compreender como os jornalistas escritores entrevistados definem as especificidades de produção de livros-reportagem foi perguntar como eles diferenciam os processos envolvidos em uma redação dos que vivenciaram na elaboração de suas obras. Fernando Morais (informação verbal)<sup>3</sup>, que deixou as redações nos anos 1980 após passagem por vários jornais, como *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*, detecta claras diferenças:

Uma das seduições de deixar a redação para escrever livro é que, primeiro, você é o seu próprio pauteiro. Segundo: você estabelece a...o tamanho físico que o seu trabalho vai ter. Jornal você chega de noite o cara te diz: "Olha, você tem que escrever 50 linhas". O mundo pode ter acabado, só tem 50 linhas pra você, desculpe. E isso te obriga muitas vezes a mutilar muito, a tirar coisas saborosas e ter que jogar fora...e o livro não. E outra coisa, prazo...redação não tem disso, meia-noite respeite-se o estilo do autor e desce a matéria para a oficina. Aquela época tinha oficina, não é? Hoje não tem mais. Então é...é um sonho de

<sup>3</sup> MORAIS, Fernando. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado [17/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h49min). Todas as referências entre aspas deste entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

todo jornalista. Você não ter editor bafejando no seu cangote dizendo: "Fecha, tá na hora". Não tem linha editorial, você que estabelece...[...] Então...e...por último, mas não por ser desimportante, se você dar sorte de vender muito, te paga melhor que o salário que você recebia na redação de jornal. Então é sedutor. (MORAIS, 2016, informação verbal)

Na condição de quem também abandonou as redações para produzir exclusivamente livros de reconstituição jornalística da história do Brasil após 30 anos de trabalho, Laurentino Gomes (informação verbal)<sup>4</sup> destaca que em um ambiente coletivo, como em um jornal impresso, "você tem uma série de proteções, políticas corporativas, orientação, reunião de pauta, um processo editorial bem definido, com prazos, com tamanho, com tudo. E no livro não". Para o autor, trata-se de um ofício mais solitário, o que determina um "peso psicológico muito grande", pois "a sua reputação está em jogo. O que você fizer de errado é você, não adianta você culpar o diretor de redação, o fechamento, a revista". O autor esmiuçou, ainda, outros detalhes que, em sua opinião, marcam a diferença do trabalho jornalístico em redação e em livro:

Então eu acho que tem uma...a diferença está na...na profundidade da pesquisa, no ambiente de trabalho, no ambiente de redação, por exemplo, é um ambiente muito coletivo, não é? Às vezes têm equipes que trabalham juntas, são vários repórteres apurando um mesmo assunto, uma mesma reportagem de capa, você tem um processo interno de validação, então

---

<sup>4</sup> GOMES, Laurentino. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: livraria Saraiva Shopping Eldorado [13/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (2h14min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

o repórter escreve, daí passa para o editor, depois passa para o editor-executivo, se é reportagem de capa para o editor de redação, então se é muito sensível passa pelo dono da empresa, denúncia. No livro não. O livro é um trabalho muito mais pessoal, muito mais solitário, mas ele me dá também uma liberdade de trabalho, de narrativa, de interpretação, que eu não tinha na redação. Então na redação você segue políticas editoriais corporativas, orientações do seu editor, do diretor de redação, "vamos para lá, vamos para cá, e tal". No caso do livro-reportagem não, neste livro-reportagem são escolhas que eu faço, então isso me dá uma...primeiro muito mais tempo para pesquisar e para escrever. Os livros eu tenho demorado em média três anos, quatro anos pesquisando um assunto. Então por exemplo, quando eu estava no Estadão [jornal *O Estado de S.Paulo*] eu ia para a rua de manhã como repórter e tinha que entregar a matéria à tarde. E era ou entregava, ou o jornal saía em branco ou a minha reputação ia para o lixo. Então não tinha como aprofundar, não tinha jeito. O que é que eu fazia? Uma reportagem, uma história sangue quente, em tempo real, mas muito mais rasa, muito mais sujeita a erros de interpretação, erros de...inclusive de fatos, de informação...você está praticamente relatando uma história enquanto ela está acontecendo. (GOMES, 2016, informação verbal)

Ao ser questionado por Maciel (2018), por sua vez, sobre como imagina o seu leitor, Ruy Castro (informação verbal)<sup>5</sup>, em uma resposta irônica, mais reveladora, buscou definir o esmero que costuma adotar no seu processo de apuração e redação,

---

<sup>5</sup> CASTRO, Ruy. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Rio de Janeiro: apartamento do entrevistado [22/08/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h15min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

em busca de uma biografia mais completa possível e com uma leitura agradável.

Imagino...EU. O leitor sou eu. Um leitor muito chato, muito exigente, que ao ler quer entender o que está lendo. Não quer sabe, buraco na informação, quer entender as palavras na ordem que elas devem ser. [...] Não só quer ler, quer aprender, quer rever as coisas de uma maneira clara e objetiva e simples e direta, mas que também quer ser, digamos assim, entretido por alguma coisa interessante, porque a escrita não é só informação, é diversão também. Eu quero que o leitor não só fique sabendo de alguma coisa, mas que goste de saber, da maneira que tudo está escrito. Que tenha prazer em continuar lendo. Esse é o grande problema. É muito fácil ganhar o leitor na segunda linha ou não perdê-lo na segunda linha, isso dá pra fazer, mas eu preciso conservar o interesse dele pelas linhas seguintes. No caso de um livro eu tenho que fazer de um jeito que toda noite quando o cara for para a cama dormir, for se deitar, ele abra o livro e leia em vez de dormir. Tenho que ganhar o cara toda noite. Então para isso eu tenho que ser interessante. Então eu não sei muito bem como fazer, talvez porque eu não saiba como fazer de outra maneira. Eu tenho essas preocupações com o leitor. E o leitor sou eu. (CASTRO, 2016, informação verbal)

Mais do que uma ruptura dos cânones da profissão, o livro-reportagem representa outro território para os jornalistas com experiência e empenho de encarar a complexa empreitada de sua realização. Eles podem exercitar e tensionar as possibilidades interpretativas e narrativas consolidadas historicamente nas redações. Quando falam na condição de escritores, louvam, por exemplo, o fato de não terem mais que elaborar um produto para o próximo minuto, hora, dia, semana ou mês.

### **“Quanto mais você fica no lugar, mais pautas você derruba”**

Ao focar os seus estudos nas obras de jornalistas biógrafos brasileiros, Vilas Boas (2006, p. 12-13) detectou algumas características típicas do discurso, como a “preferência pela biografia não-autorizada e por narrar a vida de pessoas falecidas há algum tempo”; a fixação pela escolha de biografados famosos que tenham desempenhado uma “vida notável” e a defesa incondicional de que estão apresentando todas as nuances da vida de um biografado, pois “a verdade é a base de uma biografia”. Vilas Boas (2006, p. 19) também percebeu uma ligação sensível entre o jornalista e os biografados, “pois nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, às vezes durante vários anos, e não ser tocado por essa experiência”.

O autor estudou as biografias *JK, o artista do impossível* (Claudio Bojunga), *O anjo pornográfico, a vida de Nelson Rodrigues* (Ruy Castro), *Fidel Castro, uma biografia consentida* (Cláudia Furiati) e retomou o olhar já iniciado em seu mestrado sobre *Chatô, o rei do Brasil* (1994), de Fernando Morais, *Mauá, Empresário do Império* (1995), de Cláudio Bojunga e *Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha* (1995), de Ruy Castro. Adotando uma postura crítica com relação à produção de livro-reportagem brasileira, Vilas Boas (2006, p. 20) detecta nas obras do seu corpus o que ele chama de “limitações de ordem filosófica”, resumidas abaixo.

Para Vilas Boas (2012, p. 36), o problema da descendência, no campo do jornalismo biográfico, “refere-se ao apego desmedido à ideia de uma herança familiar definidora de caracteres. Mas qual o

grau de importância que a descendência exerce em uma vida?". O que o pesquisador (VILAS BOAS, 2010, p. 73) chama de fatalismo diz respeito ao fato de que "na maioria das biografias é notável esse afã dos autores por realçar várias qualidades supostamente inatas, que expliquem o herói vitorioso". Quanto à extraordinariedade, Vilas Boas (2012, p. 103) aponta o exagero nas tintas dos biógrafos estudados com relação à personalidade excepcional de seus personagens centrais: "Por mais incomuns as suas atividades, Juscelino Kubtischek, Fidel Castro, Assis Chateaubriand e Nelson Rodrigues eram (também) pessoas 'normais', possuidoras de um cotidiano 'normal'. Ou serão gênios, todos eles?"

Um dos pontos mais curiosos percebidos por Vilas Boas (2012, p. 126) é que "um véu de verdade absoluta encobre as biografias. [...] O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita? Acredito que não". Quanto ao caráter de transparência dos biógrafos, Vilas Boas (2010, p. 146) apresenta outra crítica: "Raras são as biografias consideráveis nas quais os autores se assumem, se expõem, se permitem. Ao contrário, procuram se esconder atrás dos seus 'fatos-verdades'". Na linha de Bourdieu, que criticava a tendência a narrar vidas de forma cronológica, Vilas Boas (2012, p. 170) também percebe essa forma de lidar com o tempo por parte dos jornalistas escritores: "Biógrafos de qualquer formação profissional narram episódios biográficos numa progressão que vai sempre, e no mínimo, do nascimento à morte, com base nessa tal 'folhinha' arbitrada".

Mas Vilas Boas (2012, p. 34-35) não se furta a debater, detalhadamente, em sua tese, recomen-

dações para os jornalistas biógrafos brasileiros superarem as suas supostas limitações, na proposta chamada por ele de metabiografia, situação em que o jornalista biógrafo deveria, “comedidamente, explicitar: sua consciência sobre interpretações e compreensões; os limites e possibilidades da escrita biográfica; suas auto-reflexões; seus significados e os significados do outro cuja vida será sempre mais importante que a do biógrafo”. Assim, na concepção do pesquisador, tanto para o repórter quanto para os seus personagens entrevistados, “análise e auto-análise são partes constitutivas do processo de construção de uma vida escrita”.

Na condição de repórter internacional, Adriana Carranca (informação verbal)<sup>6</sup> aponta o tempo de convivência mais intenso e duradouro com suas personagens como uma das vantagens do livro-reportagem. Como principal estratégia de aproximação, procura lançar mão da observação direta, participante, atenta mais aos silêncios e sinais não-verbais sutis dos personagens e ambientes para poder observar melhor determinadas realidades, como nos países do Oriente Médio, cenários de três dos seus livros-reportagem, que desafiariam um observador jornalista mais pressionado pelos prazos de fechamento.

[No ato da entrevista] a resposta te diz mais quando ela silencia do que quando ela fala, porque a fala ela é elaborada, é pensada, ela às vezes é camuflada, não é? Então é nesse buscar o silêncio que eu procuro ficar mais tempo possível com eles. Porque eu observo

---

<sup>6</sup> CARRANCA, Adriana. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: café Starbucks [12/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h30min). Todas as referências entre aspas a esta entrevistada neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

no dia a dia. Mas um gesto, um olhar, uma forma de lidar com uma situação diária, me diz mais sobre os personagens do que às vezes uma entrevista que eu só falo e pronto. [...] Também é muito fácil enxergar com nossa cabeça, apontar o dedo, falar das mulheres oprimidas do Afeganistão. Daí, quando você vai falar com a mulher oprimida do Afeganistão e ela fala: "Eu não quero tirar a burca, meu marido está me enchendo o saco para eu sair sem burca, eu não quero tirar a burca", você fala "Opa, não estou entendendo então, não entendi nada". Daí precisa passar um tempo com ela para entender porque que ela continua querendo usar a burca embora o marido diga para ela que ela pode sair sem a burca e a burca não seja mais obrigatória no país. Tem alguma outra razão. [...] Eu falo sempre assim: quanto mais você fica no lugar, mais pautas você derruba. Ao invés de você conseguir mais pautas, mais pautas caem por terra, porque a sua concepção cai por terra. (CARRANCA, 2016, informação verbal)

A convivência mais paciente com os entrevistados também se mostra de muita valia para estabelecer os vários nexos necessários na elaboração de um livro-reportagem. Daniela Arbex (informação verbal)<sup>7</sup> teve a oportunidade de se encontrar várias vezes tanto com os ex-funcionários quanto com os antigos pacientes do Hospital Colônia, palco do seu livro *Holocausto brasileiro*. O retorno a certas questões mais difíceis que só a entrevista realizada com tempo e profundidade proporciona pode gerar, inclusive, em sua opinião, uma tomada de consciência por parte de alguns entrevistados.

---

<sup>7</sup> ARBEX, Daniela. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Juiz de Fora, Minas Gerais: redação jornal *Tribuna de Minas* [08/08/2016]. 1 arquivo .mp3 (2h31min). Todas as referências entre aspas a esta entrevistada neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

Conquistar a confiança das pessoas, isso é um processo muito demorado. Então assim, eu tive a oportunidade, para fazer as entrevistas, eu entrevistei a mesma pessoa umas cinco vezes. E eram entrevistas de três horas, de cinco horas, e nas primeiras vezes, primeiros contatos, todos muito difíceis. Porque se eu não tive nenhuma dificuldade para os sobreviventes falarem, eu tive uma dificuldade enorme para os funcionários falarem, porque eles sentiam-se acusados. Então era sempre uma reação contrária quando eu chegava, eu sentia eles... essa reação, essa coisa assim. E daí era muito difícil conversar com eles. Então no começo eles respondiam o básico e falavam que no “meu plantão não acontecia nada”. E quando eu voltava a pessoa estava mais receptiva, até chegar ao ponto em que as pessoas falavam: “Meu Deus, eu podia ter feito muita coisa”, nas últimas entrevistas. (ARBEX, 2016, informação verbal)

Conviver longamente com os assuntos e personagens que vão abordar acaba levando os jornalistas autores de livros-reportagem a refletir com mais profundidade sobre o seu compromisso social, embora muitas vezes não explicitem esse raciocínio tão claramente em suas obras. Como podem raciocinar mais a respeito do seu fazer e analisar com mais acuidade seus processos de escolha de temas, entrevistados, formas narrativas e apresentação final do produto, esses jornalistas parecem encarar a profissão com uma perspectiva mais construtivista. Ou seja, em contraponto à teoria do espelho, uma busca da pluralidade das vozes, a consciência falibilista e a concepção do conhecimento como construção coletiva.

### **“Em um mundo fragmentado é preciso organizar a memória”**

Rogê Ferreira (2004, p. 325), acredita que alguns livros-reportagem de temática mais social e engajada, objetos dos seus estudos, promovem uma ruptu-

ra, termo que não se refere "apenas ao que não é publicado nos jornais", mas que diz respeito ao que "o sistema (a ordem dominante vigente, seja ela qual for) não quer ver nem discutir, não quer que se pense ou sinta, que se difunda ou discuta, caso haja publicação". Assim, para Rogé Ferreira (2004, p. 236), livros-reportagem como *Rota 66*, de Caco Barcelos, devem ser abordados como "possibilidade de uma formatação diferente de jornalismo capaz de explorar as contradições sociais".

Em uma perspectiva marxista, Rogé Ferreira (2004, p. 236) percebe o livro-reportagem como um elemento de tensão em vários níveis. Comparado com o sistema do jornalismo/imprensa, opera com um "tratamento diferenciado do fato noticioso" e também com uma "enunciação única/não sucessiva", bem como com angulações diferenciadas de forma-conteúdo. Em relação à literatura, apresentam-se os dilemas entre a qualidade e a massificação e também aqueles que envolvem a atualidade e a permanência. Quando se pensa, por sua vez, na sua recepção pelo público, o livro-reportagem tenta provocar os leitores a "ver o diferente e a enxergar a si mesmo sob outros prismas". Há, ainda, outros elementos de tensão, não menos importantes, com autoridades governamentais e não-governamentais: "A censura oficial e não-oficial do Estado, da Moralidade Pública, da Religião, das editoras, e perseguição policial e não-policial; com a crítica, etc."

Quando denunciou a polícia que mata inocentes em *Rota 66*, Caco Barcellos (informação verbal)<sup>8</sup> sa-

---

<sup>8</sup> BARCELLOS, Caco. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado [09/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (2h07min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

bia, desde o contrato editorial com a editora Record, que teria que enfrentar sozinho e não com a proteção corporativa, como se fizesse a reportagem para a rede Globo, todas as batalhas judiciais movidas pelos acusados na obra. Lidar com temas espinhosos em livros-reportagem exige coragem e disposição para as consequências:

Mas eu me defendi de 18 processos sozinho. A editora me abandonou, porém foi acordado antes. Depois, ó. "A gente não banca. Você banca?" "Banco, banco tudo". O juiz propunha acordo. Eles me processaram pedindo um milhão de reais de ação indenizatória que era uma puta grana na época. Mais do que hoje. Aí primeiro tentamos um acordo, uma conciliação. E aí, Caco, você topa? Evitar gastos na justiça. Estão te pedindo muito também. Vocês baixam um pouquinho aí e evita esse processo que é chato, demorado, ruim para os dois lados. Eu sempre respondi: "Excelência, se eu propor acordo de cinquenta centavos eu não pago! Imagine, eles podem pegar o meu dinheiro, um real que seja, e comprar mais munição para continuar matando. Eu fiz esse livro para eles pararem de matar, com a esperança de que eles deixem de matar. Se eles têm tanta vergonha de matar, por que eles matam? Então é simples. Parem de matar, eu paro de escrever, na hora. Não tenho nada contra João, José, não desejo cadeia para eles, nenhum tipo de punição. A única coisa que eu desejo é: PAREM DE MATAR!, não é? (BARCELLOS, 2016, informação verbal)

Ao elaborar um livro-reportagem, também parece ficar claro para os entrevistados que estão contribuindo de forma mais contextualizada para a consolidação de uma memória nacional, já que não estão tratando de fatos do momento. Zuenir Ventura

(informação verbal)<sup>9</sup> brinca que não tem memória, mas que trabalha com a "memória dos outros", o que leva à constante comparação do repórter escritor com os historiadores:

Tenho a impressão que a gente tem mais ou menos o papel do historiador do presente. É um pouco por aí, não é? Tenho conversado muito com amigos historiadores que fizeram livro, e tal [...] você...é o historiador do presente, você é jornalista, você não é historiador. E eu procuro ser o jornalista do passado para o futuro. Uma brincadeira, mas o que eu ia dizer é o seguinte: eu acho que a gente trabalha...sei lá, garimpa um pouco matéria prima para o historiador trabalhar, corrigir, refazer, não é? E tem perspectiva para isso, tem distanciamento para isso. E o nosso papel eu acho que é muito importante. Agora, a gente não pode ter a pretensão de achar que a gente está fazendo história no sentido de...eu acho que a gente está trabalhando matéria prima para o historiador. Este sim, até porque ele tem perspectiva, não é? De não sei quantos anos depois conferir tudo aquilo que você naquele momento, por mais que seja livro, mas que você faz em cima da atualidade. (VENTURA, 2016, informação verbal)

Para o jornalista e escritor Rubens Valente (informação verbal)<sup>10</sup>, que reconstituiu em livro de 2018, *Os fuzis e as flechas*, a situação indígena no Brasil durante o governo militar (1964-1985), a "preservação

---

<sup>9</sup> VENTURA, Zuenir. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Rio de Janeiro: apartamento do entrevistado [17/08/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h56min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

<sup>10</sup> VALENTE, Rubens. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: café [07/05/2016]. 1 arquivo .mp3 (3h). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste artigo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

da memória" é "uma coisa que move a busca pelo livro". Memória como arma essencial para tentar dar uma ordem interpretativa a um mundo que se apresenta fragmentado.

A gente como repórter tem uma preocupação muito grande com a memória. Eu acho que jornalismo é a memória. Num mundo fragmentado, de informação rápida que entra e sai, precisa agregar, consolidar, lidar, organizar a informação. E isso é a memória, trabalhar a memória. E colocar a memória a serviço de uma narrativa, porque eu acho que isso dá, inclusive, a cara de um país, aquilo que esse país guarda, o que passou, o que viveu. E o que eu percebo são lacunas nas coisas, não é? E aí é que eu entro, porque para você se dedicar ao livro você vai gastar muitos anos, muita tensão, muito estresse. Então para entrar no livro eu penso muito: eu devo me dedicar a isso? Será que não estou sendo redundante? Porque a nossa vida é muito curta. Eu vou me dedicar ao tema que todo mundo já se ocupou? O tema do índio na ditadura é quase nulo, há alguns livros do período, [o antropólogo cultural norte-americano] Shelton Davis, dois ou três livros importantes, do período, escritos no calor da hora [por exemplo, *Victims of the miracle: development and the indians of Brazil*]. Livros posteriores com os documentos que eu obtive, nenhum. Então eu digo: é por aqui que eu vou. Então é isso que me move, e que me move como repórter também. Tipo assim: não gastar muito tempo assim em coisas que são redundantes, embora eu reconheça a importância, nada contra. O livro tem um prazo mais longo que a reportagem diária. (VALENTE, 2016, informação verbal)

Para além da ressonância imediata de uma manchete, o livro-reportagem trabalha com elementos de reconstituição e reconstrução da memória nacional mais complexos do que no jornalismo diário. Ao tratar

sobre seus prazeres e angústias no processo, o seu leitor imaginado e concreto, o estilo narrativo e as formas de construção do real em suas obras, além do papel do livro-reportagem no debate dos grandes temas nacionais, como está mais aprofundado em Maciel (2018), os jornalistas escritores entrevistados demonstram conhecimento dos potenciais da profissão para a interpretação das realidades em plena crise dos sentidos.

### **Esboços de uma conclusão**

A partir do estudo do estado da arte aqui resumido e das vozes dos jornalistas escritores de livros-reportagem, este produto pode ser definido - como está aprofundado em Maciel (2018) - como uma possibilidade discursiva de interpretação complexa dos acontecimentos e personagens históricos, sociais e cotidianos pelo prisma das heranças dos saberes jornalísticos, reconfigurados no reconhecimento, procedimento e na narração. Complementar ao trabalho do jornalismo diário, seduz os repórteres por permitir, entre outras peculiaridades, um trabalho mais autônomo. Ao elaborá-lo, o jornalista não representa e nem está inserido em uma estrutura institucional midiática tradicional, com suas pressões hierárquicas, políticas e ideológicas. Mas as condições árduas de produção e sua compreensão simbólica por parte do mundo editorial e dos leitores impõem desafios ao jornalista escritor.

Pode-se constatar, pelos depoimentos, que o processo de autoanálise desencadeado pelo livro-reportagem, embora angustiante, acaba levando o jornalista a refletir com profundidade sobre o tipo de interpretação da realidade que está engendrando. Nada é tão liberto e tranquilo nesse processo, como

poderia parecer para quem observa de fora, como é o caso, talvez, dos seus pares que trabalham em redações. O tempo é mais dilatado para a produção? Os prazos são maiores? Mas o *deadline* ainda existe, o volume de informações a ser apurado e organizado chega a ser descomunal, exigindo disciplina e por vezes longas horas de trabalho diário, não raro em jornada dupla com a redação. E os prazos combinados com a editora, embora representem pressões maiores na etapa decisiva do trabalho, também não deixam de invocar no jornalista o sentido de que está na hora de dar o ponto final.

O jornalismo vivencia, sim, tempos de fragmentação informativa em todas suas formas midiáticas, sobretudo na internet e nas redes sociais. A crise do suporte impresso é persistente, global e de difícil resolução em um país de já tradicionais índices baixos de leitura. As turbulências econômicas ceifaram das redações muitos repórteres veteranos e especializados. Escassearam os recursos para as outrora mais comuns grandes reportagens publicadas em séries ou cadernos especiais. Embora seja simplista dizer que o livro-reportagem é o único oásis da plenitude da reportagem no jornalismo contemporâneo, o foco na visão múltipla, contextualizada e interpretativa dos acontecimentos é uma das suas características mais notáveis como produto. Em meio a um cenário de revisão dos sentidos do jornalismo como marco de referência principal para a comunidade interpretativa, o livro-reportagem fortalece o valor da instituição.

## Referências

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATALÃO JR., A.H. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2010.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.

MACIEL, A. Z. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ROGÉ FERREIRA JR., C. A. **Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e contra-discursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem**. São Paulo: Edusp, 2004.

VILAS BOAS, S. L. **Biografismo: reflexões sobre a escrita da vida**. São Paulo: Unesp, 2012.

VILAS BOAS, S. L. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2006.